

## **Letramento digital no ensino de Língua Portuguesa: discussões teóricas e didáticas para os anos iniciais do Ensino Fundamental**

### **Digital literacy in Portuguese Language teaching: didactic discussions for the early years of Elementary School**

DOI:10.34117/bjdv7n2-445

Recebimento dos originais: 22/01/2021

Aceitação para publicação: 22/02/2021

#### **Beatriz Araújo de Rezende Neves**

Mestranda no curso de pós-graduação em Cognição e Linguagem-UENF

Bolsista CAPES

E-mail: prof.beatrizrezende@gmail.com

#### **Cristiana Barcelos da Silva**

Pós- Doutora em Cognição e Linguagem - UENF

E-mail: cristianabarcelos@gmail.com

#### **Rackel Peralva Menezes Vasconcellos**

Mestranda no curso de pós- graduação em Cognição e Linguagem - UENF

Bolsista CAPES

E-mail: pmvrackel@gmail.com

#### **Poliana Campos Côrtes Luna**

Mestre em Cognição e Linguagem - UENF

Bolsista CAPES

E-mail: polianaccluna@gmail.com

#### **Carla Cristina de Araújo de Rezende Moura**

Pós-graduada em Família, infância e Juventude - FAGOC

E-mail: carlinhac.a.rezende@gmail.com

#### **Amanda Farias Teski de Oliveira**

Pós-graduada em Metodologia do ensino de inglês como língua estrangeira- Unyleya ;

Pós-graduada em Neuropsicopedagogia- Dom Alberto

E-mail: mandtesk@gmail.com

#### **Manoelle da Silva de Oliveira**

Pós-graduada em “Educação do Pensamento em Letras “- Língua Portuguesa.- UNIFLU

E-mail: mannosoliveira@hotmail.com

#### **Fabrizia Miranda de Alvarenga Dias**

Mestre em Cognição e Linguagem- UENF

E-mail: diasfabrizia@gmail.com

### **RESUMO**

Este artigo trata sobre o ensino de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do ensino fundamental, apontando para a importância de se reconhecer a diferença entre o ato de alfabetizar e o de letrar. Entende-se que são processos distintos, mas que não são

indissociáveis. Partimos do conceito de Letramento para chegar até o Letramento e de sua ramificação digital. Percebendo que grande parte da Leitura e Escrita dos estudantes fora da escola se dá através do universo digital, trata-se do Letramento Digital como essencial na Educação Básica, usando como argumento o reconhecimento da importância da Cultura Digital inserido no texto da Base Nacional Comum Curricular. Na presente pesquisa ainda cita-se os Jogos Digitais como um recurso pedagógico possível de ser utilizado nas aulas de Língua Portuguesa. Por fim, discute-se a formação do professor e sua relação com questões didáticas no tocante ao uso das Tecnologias Digitais para fins educacionais.

**Palavras-chave:** Letramento, Letramento Digital, Ensino de Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

This article deals with the teaching of Portuguese in the Early Years of elementary school, pointing out the importance of recognizing the difference between the act of literacy and that of literacy. It is understood that they are distinct processes, but that they are not inseparable. We start from the concept of Literacy to get to Literacy and its digital ramification. Realizing that a large part of the Reading and Writing of students outside of school occurs through the digital universe, it is Digital Literacy as essential in Basic Education, using as an argument the recognition of the importance of Digital Culture inserted in the text of the Common National Curricular Base . In this research, Digital Games are also mentioned as a pedagogical resource that can be used in Portuguese language classes. Finally, the formation of the teacher and its relationship with didactic issues regarding the use of Digital Technologies for educational purposes is discussed.

**Keywords:** Literacy, Digital Literacy, Portuguese Language Teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais modificaram as relações sociais. A distância hoje pode ser diminuída por uma chamada em vídeo. Médicos e pacientes podem estar conectados através do whatsApp, por exemplo. Depois da Pandemia COVID-19, consultas, aulas, seminários e encontros on-line são cada vez mais usuais e frequentes. Mas e a escola? O que as Tecnologias Digitais têm a ver com a escola e com o Ensino de Língua Portuguesa?

Neste artigo, procura-se identificar a relação das Tecnologias Digitais (TD) com o ensino de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais da Educação Básica. Trata-se da importância do Letramento Digital (LD) como elemento essencial a ser desenvolvido com os alunos, respeitando os limites cognitivos desta fase. Explora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como documento normativo oficial. O trabalho conceitua a palavra Letramento e traz sua relação com a Alfabetização para chegar ao conceito de LD e sua importância na escola contemporânea. Reflete sobre a inovação no Ensino de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais. Levando em consideração as práticas sociais dos alunos,

cita os Jogos Digitais como um recurso rico para ampliar seus letramentos. Por fim, busca discutir o uso das Tecnologias Digitais (TD) nas aulas de Língua Portuguesa, trazendo a formação dos professores como uma das principais inovações para se repensar a educação tanto do ponto de vista teórico como didático.

## 2 DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO: QUESTÕES CONCEITUAIS

Vivemos um longo tempo sem que a palavra Letramento existisse no nosso vocabulário. Foi preciso que fosse percebido algum fato novo para que então ela aparecesse, fato este inicialmente atrelado à palavra *Alfabetização*. Para falarmos sobre este termo, precisamos diferenciá-lo primeiro do significado de “alfabetização” que é a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever e que durante muito tempo “parecia ter sentido completo no que se diz respeito à leitura e escrita uma vez que alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever (SOARES, 2020). Para serem considerados alfabetizados é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (BRASIL, 2018). Chamamos de *alfabetização* o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana (SOARES; BATISTA, 2005).

De início, pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (VAL, 2006, p. 18).

Entendido o significado dado ao ato de alfabetizar ou de ser alfabetizado, podemos falar sobre o Letramento. É palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80...que ela surge no discurso de especialistas dessas áreas. (SOARES,2020). Entendeu-se que a palavra Alfabetização não dava mais conta do que de fato precisava acontecer para além do ler e escrever. Como afirma Soares (2020) Quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. O termo é uma tradução do inglês “*Literacy*” como define soares a seguir:

É este, pois, o sentido que tem a palavra letramento, palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês literacy: letra-, do latim littera, e o sufixo-mento, que denota resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento, resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo

social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita (SOARES, 2020, p.15).

Mas o que a palavra alfabetização tem a ver com letramento? Por que precisamos entender o conceito de Alfabetização para chegarmos de fato ao Letramento?

Ao contrário do que ocorre em países do Primeiro Mundo, como França e Estados Unidos, em que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita... mantém sua especificidade no contexto das discussões sobre problemas de domínio de habilidades de uso da leitura e da escrita – problemas de letramento –, no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem (SOARES, 2004, p.7).

Com tempo, estudiosos do assunto têm entendido que a Alfabetização sozinha não surte efeito social na vida de qualquer indivíduo. Passamos da mera aquisição da “tecnologia” do ler e escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, de que resultou o termo **letramento** ao lado do termo **alfabetização** (SOARES, 2020). Apesar de o letramento não depender da alfabetização para acontecer, é notável que sujeitos alfabetizados garantam uma maior possibilidade de ampliar suas práticas sociais, uma vez que estamos todos inseridos numa sociedade que faz uso das letras nos processos de comunicação. Por isso é que se tem afirmado que alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares, inseparáveis e ambos indispensáveis (VAL, 2006).

As práticas sociais que se realizam entre os sujeitos por meio da linguagem encontram-se inevitavelmente baseadas no Letramento, condição em que existe um conhecimento sobre a escrita que as pessoas, mesmo sem saber ler ou escrever, dominam. Tal conhecimento é adquirido pelo fato de que estas pessoas estão inseridas numa sociedade letrada. Neste tipo de sociedade, a escrita passa a funcionar como mediadora entre tais práticas e os sujeitos, constituindo eventos de letramento (VAL, 2006, p. 18).

Usando com menos frequência os substantivos Letramento e Alfabetização que nomeiam ações, passaremos a usar os adjetivos letrados e alfabetizados com mais frequência, pois estes dão características aos sujeitos inseridos no processo. Precisa-se ter a certeza de que um sujeito alfabetizado, aquele que alcançou a tecnologia de codificar e decodificar a língua, não necessariamente é letrado, uma vez que para considerarmos uma pessoa letrada, essa precisa usar a tecnologia adquirida em suas práticas sociais.

É possível encontrar pessoas que passaram pela escola, aprenderam técnicas de decifração do código escrito e são capazes de ler palavras e textos simples, curtos, mas que não são capazes de se valerem da língua escrita em situações

sociais que requeiram habilidades mais complexas. Essas pessoas são alfabetizadas, mas não são letradas (VAL, 2004, p. 19).

Em contrapartida é necessário que se tenha conhecimento de que um indivíduo que ainda não foi alfabetizado pode, sim, ser considerado letrado, uma vez que se encontra inserido numa sociedade que faz uso da escrita em seu cotidiano. Segundo Batista (2004), pessoas que vivem em sociedades letradas não podem ser chamadas de iletradas, mesmo que sejam não-alfabetizadas.

A Alfabetização (o codificar e decodificar uma língua) precisa fazer sentido. Encontra-se na contramão destes autores que nos dias atuais ainda insistem que o foco é a escrita e não necessariamente a prática dela e também da leitura na vida social, Freire que já entendia a importância do Letramento atrelado à Alfabetização mesmo que ainda não fizesse uso efetivo desta palavra. Afinal só é capaz de refletir sobre sua própria alfabetização quem é capaz de estabelecer relação de sentido com a aprendizagem e usá-la em seu cotidiano, ampliando suas práticas e ressignificando suas relações com o mundo.

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre sua própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o processo o trabalho de alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido (FREIRE, 1989, p.142).

Mesmo sabendo que o Letramento e o processo de Alfabetização não são uma mesma prática, alguns autores ainda presos ao conceito de alfabetização tendo a escrita como principal parte do processo, acabam somente fazendo uma transferência de nome, mas não de fato uma ampliação na visão sobre este verbete como pode-se perceber na fala de Tfouni, Assolini e Pereira (2019) e de certos autores que recentemente adotaram a denominação “letramento”, mas continuam situando-se como defensores da grande divisa e implicitamente defendem que “letrado” é somente o sujeito alfabetizado.

Uma reviravolta na rede de sentidos sobre letramento, oralidade e ensino se apresenta quando escutamos com acuidade os meandros de suposta atualização e “avanço” no tratamento da questão, mas que de outro modo aparece sob as amarras de uma rigidez no padrão da interpretação, dentro ou fora da escola (TFOUNI, ASSOLINI; PEREIRA, 2019, p.2).

Uma pessoa que pode diferenciar uma notícia de jornal de uma piada demonstra graus de letramento, mesmo que essa pessoa não consiga ler nenhum desses dois gêneros textuais caso isso lhe fosse solicitado (FRANCISCO, 2018). O conceito de letramento a cada dia torna-se mais abrangente, uma vez que é necessário entender que as práticas comunicativas podem ser feitas de muitas formas como é o caso da oralidade. O letramento abrange a capacidade de o sujeito colocar-se como autor (sujeito) do próprio discurso, no que se refere não só à relação com o texto escrito, mas também à relação com o texto oral (BATISTA, 2004). Muitas práticas sociais cotidianas hoje, para não dizer a maioria, são feitas através de tecnologias digitais, citando outro exemplo sobre letramento: há hoje, inúmeros jovens que demonstram possuir alto grau de Letramento Digital sem ter feito nenhum curso de informática. Isso quer dizer que o conceito de letramento está ligado às práticas cotidianas (FRANCISCO, 2018).

Alcançar os graus mais elevados de letramento depende de vários fatores. Entre eles estão as necessidades profissionais de cada um, as influências do ambiente familiar, a escolaridade, a participação em grupos como igrejas, sindicatos, partidos políticos e outras agremiações, etc. Não há um limite para o letramento, ele é infinito. A razão disso é que a humanidade sempre inventará formas novas de escrever, novos gêneros de texto, suportes mesmo que em diferentes níveis de leitura, etc., de acordo com as infinitas necessidades que temos e teremos, fazendo com que nosso horizonte de letramento esteja sempre em expansão (RIBEIRO, 2017, p.5).

Entender que as pessoas que escrevem alguma coisa, seja ela um bilhete na porta da geladeira para um filho, um recado no WhatsApp ou teses e artigos para qualificações de Mestrado e Doutorado tem a ver com suas experiências, necessidades, profissões e vida social nos permite tratar a palavra Letramento com mais empatia e respeito, olhando pela perspectiva de que todos os “níveis” de letramento são importantes e estes mesmos níveis são infinitos, já que, sempre surgirão situações novas as quais nos levarão a experiências novas, tornando o letramento sempre algo novo e possível a todos mesmo que em “categorias” distintas.

### **3 DO LETRAMENTO AO LETRAMENTO DIGITAL: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS**

Não há como negar que as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade, em sua maioria, são mediadas por uma tecnologia digital. Nessa perspectiva, pensar em letramento hoje envolve considerar a presença das tecnologias digitais em nossas atividades cotidianas. (REZENDE, 2016).

Como já explicitou-se na sessão anterior e como afirma Soares (2020), Letramento é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Notavelmente muitas destas práticas são feitas por meio digital uma vez que

Atualmente, qualquer pessoa pode ler jornais, fazer pesquisas e bater papo via Internet, desde que tenha um computador diante de si. E o mais interessante é que esse ambiente também proporciona, a depender do “lugar” em que se esteja, que qualquer pessoa escreva e publique na rede (RIBEIRO, 2017, p.20).

Mas se a palavra Letramento abrange o processo de leitura e escrita, fala das habilidades para práticas sociais e, o uso das tecnologias digitais é uma realidade nestas práticas, por que precisamos usar este adjetivo: DIGITAL? Em uma entrevista neste ano (2020), Ribeiro, que é autora na obra Letramento Digital, que teve sua organização juntamente com a professora Coscarelli (2005), quanto indagada sobre o uso deste adjetivo, mostrando que ainda há discussões acerca deste assunto.

Esse livro foi publicado em 2005. Deve ter sido o primeiro, ao menos no Brasil, a assumir esse nome para essa coisa. Eu me lembro que discutíamos muito como isso se chamaria: letramento digital, letramento informacional, letramento computacional etc. Eram nomes que cirandavam em nossa frente. ... Bom, assumimos “letramento digital” e foi a expressão que se tornou hegemônica mais tarde. Só que a discussão continua. Precisa desse adjetivo? Para que ele serve? Para recortar um âmbito, um suporte, uma esfera, uma tecnologia? Pensando em outros letramentos adjetivados (literário, acadêmico, visual etc.), vejam que eles designam coisas que ora são a natureza da tecnologia, ora a esfera de discurso, ora a linguagem, enfim. Não é fácil (RIBEIRO, 2020, p. 6).

Segundo Dudeney et al (2016), letramentos digitais são habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentindo eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital. Em outras palavras, mas sem nenhuma discordância, o termo aparece no dicionário CEALE 2020 assim:

Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras (RIBEIRO E COSCARELLI, 2020)

Acontece que nenhuma uma pessoa é capaz de ter o domínio de todas as esferas ao mesmo tempo, por mais dedicado e inteligente que seja. O adjetivo Digital tem suas especificidades. Existem habilidades que precisam ser desenvolvidas para lidar com ele. Ser letrado digital implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos

variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais (RIBEIRO; COSCARELLI, 2020) Cada indivíduo desenvolve certas habilidades de acordo com sua vida, seus interesses e condições.

É difícil estabelecer um parâmetro único para avaliar o letramento digital. Há inúmeras habilidades que deveriam ser, se não dominadas, pelo menos familiares aos letrados digitais, mas cada contexto pode demandar diferentes usos do computador. É importante, no entanto, que os indivíduos tenham desenvolvido habilidades básicas que lhes permitam aprimorar outras, sempre que isso for necessário (RIBEIRO E COSCARELLI, 2020).

Segundo Ribeiro (2017), não é possível que exista um conceito único de letramento adequado a todas as pessoas, em todos os lugares, em qualquer tempo, em qualquer contexto cultural ou político. Então, para melhores condições de entendimento e ensino, viu-se a necessidade de fragmentar estes termos, surgindo outros adjetivos para palavra letramento.

Se o conceito de letramento é problemático, o de letramento digital é ainda mais controverso, uma vez que traz, junto ao substantivo já tornado objeto de debate, um adjetivo que transforma e constrange seu sentido. Letramento digital é expressão ainda não empregada irrestritamente. Há ocorrências de letramento informacional, letramento computacional, letramento midiático, letramento multimidiático e outras, todas traduzidas do inglês *computer literacy* ou *information literacy*, e nem sempre são sinônimas ou referem-se aos mesmos problemas e objetos (RIBEIRO, 2017, p.23).

O entendimento palavra Letramento Digital ainda causa certa divergência e desconforto entre os que se propõem a estudá-lo porque surgem novas situações rapidamente, novos gêneros digitais aparecem com frequência, nova ferramentas de edição...que levam a novos caminhos de produção e leitura de textos. Acreditamos que isso ocorre porque as tecnologias digitais possibilitam uma gama variada e diversificada de práticas sociais e também porque surgem novas ferramentas e novas possibilidades muito rapidamente (PINHEIRO, 2018). O objetivo não é discutir estas divergências, mas sim enxergar as possibilidades de trazer as tecnologias digitais e o uso real delas na prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa nos anos iniciais. Principalmente no que diz respeito à leitura e à escrita.

#### **4 LÍNGUA PORTUGUESA E LETRAMENTO DIGITAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: LACÔNICAS NOTAS**

É fato que a sociedade experimentou muitas mudanças diante do advento e avanço do Digital. A emergência das Tecnologias Digitais e, com ela, o desenvolvimento de novas

práticas sociais ou de novas formas de mediar práticas sociais já estabelecidas são determinantes para o desenvolvimento de uma cultura digital. (NONATO E SALES, 2019). É um fato também que os estudantes na contemporaneidade estão expostos cada vez mais a práticas de leitura e escrita em ambientes digitais. Assim como todas as tecnologias de comunicação do passado, nossas novas ferramentas digitais serão associadas a mudanças na língua, no letramento, na educação, na sociedade. (DUDENEY et al., 2016). Então é incontestável que tudo isso gera, ou deveria gerar, uma revolução nas aulas de Língua Portuguesa. as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web (BRASIL, 2018).

Ao se falar de práticas de Leitura e Escrita, automaticamente esbarra-se nos conceitos de Letramento e Letramento Digital expostos nas sessões anteriores. Segundo Ribeiro (2019) é mais interessante e adequado pensar no Letramento como algo que dorre de práticas sociais e, ao mesmo tempo, é o que as cria, consolida e ajusta, em mão dupla. As aulas precisam se adequar a realidade dos alunos transcendendo os muros que separam a escola da “vida real”.

Precisamos incrementar nosso ensino e aprendizagem de acordo com estas novas circunstâncias. Para o nosso ensino de língua permanecer relevante, nossas aulas têm de abarcar a ampla gama de letramentos, que vão bastante além do letramento impresso tradicional. Ensinar língua exclusivamente através do letramento impresso é, nos dias atuais, fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras (DUDENEY et al 2016, p. 19).

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - documento oficial normativo de referência obrigatória na elaboração de currículos das escolas-, as diversas linguagens e culturas devem ser contempladas ao se estudar este componente o que mais uma vez afirma que o LD é um elemento essencial para as práticas de Leitura e Escrita dos estudantes.

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018).

O contato com textos multissemióticos/ multimodais, que envolvem várias linguagens, torna necessário que sejam desenvolvidas, nos discentes, habilidades e competências diversas para exercerem tais práticas cotidianas de forma ética e crítica. A BNCC ao reconhecer a cultura digital e trazer textos que estimulem esta prática em toda educação básica, deixa claro que o LD deve fazer parte da vida escolar dos alunos. Apesar de ser um assunto tratado com mais complexidade no Ensino Médio, percebemos desde a Educação infantil e Anos Iniciais a preocupação com a valorização da cultura Digital.

Em articulação com as competências gerais, essas dimensões também foram contempladas nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil e nas competências específicas e habilidades dos diferentes componentes curriculares do Ensino Fundamental, respeitadas as características dessas etapas. No Ensino Médio, por sua vez, dada a intrínseca relação entre as culturas juvenis e a cultura digital, torna-se imprescindível ampliar e aprofundar as aprendizagens construídas nas etapas anteriores (BRASIL, 2018).

O assunto também é tratado no documento em algumas competências gerais para Educação Básica, assim como nas específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. A décima específica para o ensino de Língua diz o seguinte:

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2018).

Mas estas habilidades e competências podem ser desenvolvidas nas crianças? Como? Respeitando a o grau de complexidade relativo a cada fase para o desenvolvimento de habilidades em ambientes digitais, acredita-se que o Jogo Digital, dentre outras ferramentas, pode ser um recurso importante para o desenvolvimento do LD na escola.

Por serem práticas sociais com uso das tecnologias digitais, vemos a utilização desses jogos como práticas de letramento digital, em que a escrita não é a mais importante linguagem, pois encontramos indivíduos não alfabetizados cultivando essa prática. (PINHEIRO, 2018).

Desde bebês, as crianças já dominam algumas habilidades básicas específicas do uso de dispositivos digitais móveis como celulares e tablets ou até mesmo o controle da TV. São capazes de usar a tela *touch screen*, barras de rolagem, dar cliques certos, reconhecem a serventia de botões no controle fazem o seu uso correto. Mesmo sem saberem ler ou escrever, fazem uso de jogos e suas regras, ampliando cada vez mais seu

LD. Se as crianças fazem uso das tecnologias em casa, por que a escola não poderia usar para ampliar o letramento e desenvolver o processo de codificação e decodificação da Língua bem como prepará-los para a Leitura e Escrita em ambientes digitais?

O uso de tecnologias digitais na alfabetização e no letramento de crianças em processo inicial de alfabetização insere-se em um contexto social e educacional no qual o acesso a esse tipo de tecnologia torna-se cada vez mais democrático. Dos espaços domésticos de famílias menos favorecidas economicamente aos espaços escolares, mesmo os mais periféricos, os computadores e outros dispositivos – ou suportes – digitais (tablets, telefones e outros) com acesso a Internet estão mais acessíveis às crianças desde a mais tenra idade. É nesse sentido que consideramos a importância de a escola se apropriar de mais um suporte de leitura e escrita, compreendendo que, mesmo as crianças em fase inicial de aprendizagem do sistema de escrita, podem e devem usar esses dispositivos conectados à Internet. (FRADE, et al., 2018, p. 15)

Discorre-se aqui sobre a importância dos Jogos Digitais como instrumento pedagógico para o desenvolvimento da prática de Leitura e Escrita nos anos iniciais. Por serem atividades Lúdicas, os Jogos Digitais são considerados muito importantes no processo de Apropriação da leitura e Escrita. Segundo Silva (2020), Os jogos são objetos e práticas socioculturais produzidos pela humanidade e designam tanto o objeto material da brincadeira, quanto a ação lúdica que se desenvolve por meio desse objeto. Sabe-se que a ludicidade é um elemento muito importante para o desenvolvimento da aprendizagem na Ed. Infantil e nos Anos Iniciais, uma vez que através dela, os alunos são capazes de aprender de forma mais leve e divertida.

Os ambientes Digitais com seus programas, aplicativos e interfaces interativas nos levam a esperar uma boa contribuição para a educação. Esse seria o ambiente ideal para fazer grandes modificações, pois da novidade espera-se uma renovação. Quando pensamos nas crianças, acreditamos, então, que os ambientes digitais devem trazer muitas oportunidades para a aprendizagem com os jogos (COSCARRELLI, 2018, p. 9).

Porém, há uma diferença entre Jogo Digital e Atividade Digital, defendida no livro: *Tecnologias Digitais na Alfabetização*. A maioria dos sites disponíveis para “Jogos” oferecem Atividades Digitais em lugar de efetivamente Jogos Digitais. Segundo Frade et al, 2018, Embora, por vezes, a escola use indistintamente os nomes Jogo e Atividade Digital, há diferenças entre essas duas categorias que têm ampla participação no ensino do sistema da escrita, especialmente no início da alfabetização. Muitos professores por não dominarem os recursos, ao recorrerem às T D, acabam por trazerem para tela dos computadores somente os mesmos tipos de atividades que já tem seu uso consagrado no

mundo do texto impresso. Mas não há como negar que mesmo sem ter o caráter do jogo, estas atividades, por também serem lúdicas, despertam o interesse do aluno pois

as atividades digitais cumprem na escola um papel mais didático do que lúdico, embora não se possa negar que possam ser lúdicas também. O objetivo delas, em geral, é ensinar um conteúdo ou desenvolver uma habilidade específica julgada importante pela escola. A maioria das *atividades digitais* disponíveis hoje retoma atividades que há muito são usados na escola como fim didático: cruzadinhas, forca, caça palavras, entre outras (FRADE et e al, 2018, p. 12).

Por sua vez, os jogos desenvolvem outras habilidades nos jogadores que têm que resolver desafios para terem recompensa, por exemplo. É lúdico. Assim pode ser usado com fim didático. Este conceito também foi disponibilizado no livro *Tecnologias Digitais na Alfabetização*:

Entendemos jogo tal como assumem Ribeiro e Coscarelli (2009), que, compreendendo seu caráter lúdico, listam como algumas de suas características: a interface e instruções, o feedback, a concepção de aprendizagem subjacente, os recursos disponíveis para o jogador, as tarefas, a recompensa, o desafio entre outras. Os jogos são lúdicos, embora possam ser usados com finalidades didáticas sem que sua ludicidade seja diminuída (FRADE et e al, 2018, p. 12).

O planejamento do professor é essencial para que a aprendizagem aconteça. Conhecer o jogo e o que ele pode desenvolver em seu aluno é primordial. Existe muito material pronto em sites diversos que podem ser utilizados, porém o olhar do profissional sobre sua turma é o que vai determinar seu uso. A formação do professor para lidar com a Tecnologia é de extrema importância para que esse tenha condições de recriar de acordo com a realidade da sua turma. Não há tecnologias ou propostas feitas por outros que deem conta do que ocorre em sala de aula se o professor não estiver formado para recebê-las, para recriá-las e para lhes dar conteúdo. (FRADE, et e al, 2018). Ao optar por trabalhar o jogo ou até mesmo as atividades digitais, o professor estará trabalhando com habilidades que desenvolvem o Letramento Digital de seus alunos, uma vez que esses começam a criar habilidades que apesar de parecerem simples, são essenciais no uso do Digital.

Além de desenvolverem suas habilidades com o sistema de es através de atividades e jogos digitais as crianças também têm a oportunidade de aprender a lidar com aspectos que envolvem a usabilidade com o suporte digital, ou seja, facilidade com que o usuário aprende a lidar com ferramentas da tecnologia digital (mouse, teclado, entre outros), sua agilidade e autonomia em utilizar essas ferramentas, memorizando gestos e comportamentos que precisa mobilizar quando está diante da tela. (FRADE, et al., 2018, p. 24).

Ao jogarem utilizando os recursos da internet, os alunos também estarão desenvolvendo habilidades para lidarem com as várias semioses que formam textos multimodais/multissemióticos e implica saberem lidar com múltiplos letramentos, fato já exposto pela BNCC. As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos (BRASIL, 2018). Ao utilizarem os JD na internet, as crianças são submetidas a propagandas cheias de textos multissemióticos e hipertextos postados ali que podem induzi-los a outras leituras, outros sites ou até mesmo a induzi-los a compras, inclusive de novas fases do jogo. Em vez de simplesmente não usarem estes sites, os professores podem criar oportunidades de aprendizagem, explorando de maneira segura e consciente as telas que aparecem para chegarem aos jogos.

Podemos dizer que hipertextos digitais estão disponíveis para crianças bem pequenas, desde os jogos que elas acessam pela internet, que exigem que escolham palavras-chave para entrar e continuar no jogo, até os sites de literatura e quadrinhos a ela dirigidos, pois todos eles usam o recurso de marcar palavras a serem clicadas para que a criança possa realizar uma ação. (RIBEIRO, 2020).

Faz-se necessário um preparo do professor para conduzir seus alunos a outras abordagens para além do jogo, ampliando as possibilidades de aprendizagem. Sobre este aspecto nos sites assim discorre Frade et al. (2018, p. 48). em seu livro:

O olhar do professor pode perceber que, em alguns deles, há elementos com funções ocultas relacionadas a interesses econômicos, por exemplo. Isso não significa que estes sites não podem ser explorados, significa que é necessário realizar um tipo de abordagem para favorecer a percepção de características muito própria da cultura digital. Em especial, é necessário mostrar às crianças como a publicidade e os interesses comerciais dão suporte financeiro às mídias digitais. Isso pode ser feito ao criarem espaço de reflexão para as crianças perceberem que o jogo/ atividade está ali, num determinado site, porque tem alguém ou alguma empresa pagando para que ele ali esteja. Quem paga quer ter lucro e o lucro será obtido se a criança sucumbir ao produto que está sendo anunciado. Assim, é necessário construir visão crítica sobre i) o tipo de informação oferecida pelos sites e o como esta é veiculada; ii) as relações pessoais e institucionais que se dão com determinada mídia e que exigem posicionamentos éticos; e, principalmente, iii) como a linguagem e os recursos multimodais utilizados repercutem na possibilidade de produção de sentidos que as crianças constroem ao ler um texto, ver uma imagem, ouvir determinada música ou sonoridade.

O contato com os sites de jogos pode desenvolver e auxiliar, gradativamente, os estudantes dos anos iniciais para lidarem futuramente com textos mais complexos além de já estarem familiarizados ao fato de terem que ter consciência crítica para escolherem as leituras de hipertextos que não os levem para fora do contexto original conteúdo

acessado. Estes cuidados vão servir de base para que os alunos desenvolvam e ampliem também a capacidade de navegar e se comportem como leitores críticos. Assim entendemos que o jogos digitais disponíveis na internet, se bem estudados pelo professor antes do momento da aula, podem ampliar o aprendizado do aluno para além de um só conteúdo. Quanto à preparação do professor e sua visão crítica e criativa sobre os conteúdos já disponibilizados na internet e sua capacidade de criação destes recursos, cabe discutir sobre a formação do professor para atuar nas séries iniciais, valendo uma reflexão sobre o assunto como proposta na sessão posterior.

## **5 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES: ATO DE REPENSAR A EDUCAÇÃO**

Este trabalho de pesquisa não poderia deixar de citar um elemento essencial para repensar a educação: A formação do professor. Seja ela inicial ou continuada. Uma formação que contemple as Tecnologias Digitais e encoraje os professores a serem profissionais atuais com aulas significativas que considerem as práticas sociais de seus alunos.

Assim, a inclusão das tecnologias digitais na educação escolar influencia, de forma direta, a formação inicial e continuada de professores no tocante à ação de ensino e à potencialização de meios didáticos nas salas de aula que, agora, devem partir de práticas também multiletradas (ANECLETO; OLIVEIRA, 2019, p. 233).

Percebe-se uma ruptura entre as aulas na faculdade e a realidade ao assumir uma sala de aula. A BNCC traz propostas incríveis para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, porém parece que os recursos oferecidos pelo governo para que os profissionais se atualizem e assim consigam realizar devidamente estas propostas ainda não são suficientes. Cabe lembrar que a dificuldade de inserir as TD no ensino de LP não é o único desafio enfrentado pelos professores, arrisca-se dizer, de toda a Educação Básica. Mesmo antes das Tecnologias Digitais se fazerem de fato necessárias no que se refere ao ensino de Leitura e Escrita, a realidade sobre o preparo do professor para assumir as séries iniciais já poderia ser contestada, o que dificulta ainda mais inovar. Em uma entrevista a revista *Práxis* em 2018, Magda Soares afirma que:

Vejo hoje com clareza que há uma grande distância entre a formação de Professores para a Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental nas Faculdades, nos Cursos de Pedagogia, e o que é a prática real desses professores nas escolas públicas. Na formação inicial, o que se consegue, no máximo, são um ou dois semestres para discutir alfabetização, em geral nenhum para discutir letramento – para a formação de crianças leitoras e produtoras de textos (SOARES, 2018, p.12).

Os candidatos a tornarem-se professores que ensinarão a base, as referências para tornarem-se bons leitores e também produtores de texto precisam ter certeza do que estão fazendo e qual é sua missão com aquele grupo de alunos, base para lidarem com as leituras de forma crítica, a serem produtores de textos éticos. É preciso que haja, nos cursos de Pedagogia, nos cursos de Letras e nos cursos de formação de professores no Ensino Médio, que habilitam os jovens a lecionarem da Educação Infantil até o 5º ano do E.F, uma formação que os permitam lecionar LP de forma eficiente e significativa. Arrisca-se a dizer que o ensino de Língua Portuguesa deveria ser repensado nos cursos de Pedagogia uma vez que estes profissionais serão habilitados para ensinarem este componente até o 5º ano, ou seja, ensinar a base de tudo. Assim também como os cursos de Letras poderiam repensar sua grade e habilitar seus formandos a trabalharem com crianças. É claro que tudo isso envolvendo o que já dissemos nas sessões anteriores: Tecnologias Digitais. Envolvendo Letramento Digital para professores, fazendo com que estes sejam capazes de exercerem sua profissão de forma contemporânea e significativa, acompanhando o que está proposto na BNCC. Ainda em sua entrevista a Revista Práxis, Magda Soares discorre sobre este assunto:

Mais um aspecto é preocupante na formação de professores nos cursos de Pedagogia, eu acho que Janair e Gilmara vão concordar comigo. São futuros professores que vão ensinar o que eles mesmos só aprenderam, quando aprenderam, na educação básica. Vão ensinar, por exemplo, produção de texto, mas elas mesmas não sabem produzir textos, porque, em geral, não lhes foi ensinado. Não lhes foi ensinado como produzir textos de diferentes tipos e gêneros, diferentes estruturas, não lhes foi ensinado construir textos coerentes e coesos; o próprio conhecimento das estruturas linguísticas e suas convenções é ensinado como uma gramática descontextualizada do uso. Muitas não são leitoras, não lhes foi dada oportunidade de se formarem leitoras, e como formar crianças leitoras se as formadoras não são elas mesmas leitoras? Em meu entender, a providência mais urgente atualmente, na educação brasileira, é repensar a formação de professores nas licenciaturas e, no que se refere a esta etapa que é o alicerce de tudo, a Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental, repensar e reformular os cursos de Pedagogia (SOARES, 2018, p.13)

Muitas vezes, o profissional reconhece a importância da Tecnologia Digital, mas não sabe bem como ensinar ao seu aluno, porque também não aprendeu. Muito diferente de fazer uso indiscriminado de dispositivos, aplicativos e mídias sociais. Há de ser ter uma formação do professor para que este desenvolva competências específicas e assim alcance habilidades para fazer um ensino contextualizado, contemporâneo, que contemple a Cultura Digital, que traga para sala de aula recursos tecnológicos que ampliem o letramento dos seus alunos e deem significado a aprendizagem nos anos

iniciais no que diz respeito a formação da leitura e escrita. Em uma pesquisa feita por Pinheiro em 2018 nas séries iniciais, nas escolas municipais de Tauá, encontramos a seguinte consideração:

A formação continuada de docentes para o uso das tecnologias também indica uma das carências que pode justificar os problemas no planejamento das atividades para desenvolver o letramento digital dos alunos. Nesse quesito, somente um professor fez um curso de informática básico e outro estudou Excel básico. Com relação ao Linux, sistema operacional utilizado nas escolas, somente dois professores tiveram formação para este sistema. Em seguida, indagamos sobre a formação para uso das tecnologias na educação e, mais especificamente, no ensino de Português. Os resultados revelam que somente um professor fez curso específico; nenhuma formação foi voltada para o Ensino de Língua Portuguesa (PINHEIRO, 2018, p. 17).

Com o advento da Pandemia COVID-19 que alterou o modo de viver e atuar, sem nenhum aviso prévio, todos os profissionais de educação, não poderia deixar de ser citada aqui. Os professores, em sua maioria, não estavam preparados para assumirem as Tecnologias Digitais como instrumento nas suas aulas, principalmente como essencial. Por quê? A quanto tempo já se sabe da importância das TD na educação? E por que as formações continuadas são muito faladas e pouco executadas? A pandemia trouxe a resposta que todos já sabiam. Tecnologia Digital e a Escola estão intimamente ligadas. E a escola que funciona sem ela não está conectada ao seu tempo. Nessa direção autores afirmam que:

As urgências do capital e o relógio de ponto são muito maiores do que o preparo profissional. Isso não deveria ser negociável: uma das missões do (a) professor(a) é estudar. Há pelo menos trinta anos, especialistas em educação e tecnologias mostram a nós que é preciso integrar, que é importante aprender, que é interessante saber usar, que é preciso tempo para adaptar, que é fundamental ter infraestrutura, sim, mas que é ainda mais fundamental ter ideias, ter experiências, aprender os caminhos, ter coragem para remodelagens que demoram a acontecer. (RIBEIRO, 2020 p. 115).

Neste cenário, alunos e professores foram obrigados a se reinventarem e de uma vez por todas ficou evidente a importância e a indissociabilidade do Ensino e Tecnologia. Pesquisadores como Dudeney et al (2016) já relatavam a necessidade de uma educação que contemplasse os Letramentos Digitais e previam a urgência do preparo para problemas políticos e/ou sociais. O texto a seguir foi usado para exemplificar o futuro dos alunos, porém 2019 trouxe também para os professores uma realidade nebulosa em que se viram obrigados a lidarem não como um novo posto de trabalho, mas exercer sua profissão como se tal fosse diante de um problema de ordem social e porque não dizer

político.

Estamos preparando estudantes para um futuro cujos contornos são, na melhor das perspectivas, nebulosos. Não sabemos que novos postos de trabalho existirão. Não sabemos quais novos problemas sociais e políticos emergirão. Mesmo assim, estamos começando a desenvolver um retrato mais claro das competências necessárias para eles poderem participarem de economias e sociedades pós-industriais digitalmente interconectadas. (DUDENEY et al 2016, p.17).

Em contrapartida aos desafios sobre a formação dos professores de LP e seu empoderamento no que diz respeito ao uso das Tecnologias Digitais, reconhecemos que poder discutir o assunto e perceber mobilidade de escolas, professores, pesquisadores, de muitos envolvidos na educação, e, principalmente, termos um documento com força de lei que garante o acesso a Cultura Digital na Educação Básica é uma indicação de que começamos a trilhar o caminho.

## 6 CONCLUSÕES

Considera-se que, por causa do advento e avanço das Tecnologias Digitais, há de haver uma mudança nas práticas pedagógicas nas escolas de forma geral. Entende-se que a valorização da Cultura Digital trazida pela BNCC é de extrema importância desde as séries iniciais da Educação Básica. Sabe-se que as práticas de Leitura e Escrita dos alunos em sua maioria são feitas através do Digital.

Mas, mesmo alunos que ainda estão em fase de Alfabetização são capazes de desenvolver habilidades que os permitem lidar com o ambiente Digital. Entende-se que os profissionais podem usar jogos, por exemplo, que estes alunos já exploram, como recurso pedagógico para desenvolver não só as competências e habilidades necessárias a Língua Materna como as que pertencem ao Letramento Digital.

Como se trata dos anos iniciais, é importante respeitar sempre a complexidade alcançada por esta faixa etária, sem deixar de trabalhar a tela do jogo em sua inteireza. Desde bem pequenos, eles podem começar a entender e analisar os textos multissemióticos que lhes são apresentados nestes sites de forma crítica. Devem ser ensinados a serem críticos na escolha dos hipertextos que lhe aparecem nestes sites, por exemplo, e ainda conhecerem os interesses que existem por trás destes textos. E tantos outros aspectos e demandas que aparecerem diante de cada turma e sala de aula que são únicas.

Entretanto, para isso, caberá sempre uma formação tanto inicial como continuada

que capacite o professor a lidar com a Cultura Digital e entender a importância de formar Leitores e Produtores de textos de natureza ética desde criança.

## REFERÊNCIAS

ANECLETO, Úrsula Cunha; OLIVEIRA, Maiele dos Santos. Educação e os caminhos da escrita na cultura digital. FERRAZ, O. Educação, (multi) letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura. Salvador: Edufba, p. 141-172, 2019.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização, leitura e escrita. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base nacional comum curricular. Educação é a base. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 30/11/2018

COSCARELLI, Carla Viana. Tecnologias digitais na alfabetização [recurso eletrônico]: o trabalho com jogos e atividades digitais para aquisição do sistema alfabético e ortográfico de escrita. Isabel Cristina Alves da Silva Frade [et al.]. - Belo Horizonte: UFMG / FaE / Ceale, 2018.

DE REZENDE, Mariana Vidotti. O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, v. 9, n. 1, p. 94-107, 2016.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. Letramentos digitais. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, p. 17-66, 2016.

FOUNI, Leda Verdiani; ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva; PEREIRA, Anderson de Carvalho. Letramento: é possível uma escrita despida da oralidade? Pro-Posições. Campinas, SP, v. 30, 2019.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Tecnologias digitais na alfabetização [recurso eletrônico]: o trabalho com jogos e atividades digitais para aquisição do sistema alfabético e ortográfico de escrita Isabel Cristina Alves da Silva Frade [et al.].- Belo Horizonte: UFMG / FaE / Ceale, 2018.

FRANCISCO, Cicero Nestor Pinheiro. A difusão de novas competências pela BNCC: os multiletramentos e o ensino da linguagem na era das novas tecnologias. In: congresso internacional de tecnologia na educação Brasil. Brasil | Recife | Setembro de 2018. 2018. Anais do 16º Congresso Internacional de Tecnologia na Educação ISSN: 1984-6355.

FREIRE. Paulo. Educação com prática da liberdade. 18. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

KARLO-GOMES, Geam; DE VASCONCELOS BELARMINO, Auricélia Pires. Multimodalidade e Letramento Digital: uma entrevista com Ana Elisa Ribeiro. Texto Digital, v. 16, n. 1, p. 281-289, 2020.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos; SALES, Mary Valda Souza. Educação e os caminhos da escrita na cultura digital. FERRAZ, O. Educação, (multi) letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura. Salvador: Edufba, p. 141-172, 2019.

PINHEIRO, Regina Cláudia. Conceitos e modelos de letramento digital: o que escolas de ensino fundamental adotam?. Linguagem em (Dis) curso, v. 18, n. 3, p. 603-622, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val,

Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital> Acesso em: 18/12/20

RIBEIRO, Ana Elisa. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital> Acesso em: 18/12/20

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. Revista da ABRALIN, v. 8, n. 1, 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. Textos multimodais e escola: produção e leitura de peças de divulgação de um show de música popular<sup>1</sup>. FERRAZ, O. Educação, (multi) letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura. Salvador: Edufba, p. 141-172, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. Tudo o que fingimos (não) saber sobre tecnologias e educação. Tecnologias digitais e escola [recurso eletrônico]: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia / organização Ana Elisa Ribeiro, Pollyanna de Mattos Moura Vecchio. - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2020.

SILVA, Alexsandro. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital> Acesso em: 18/12/20

SILVA, Magna do Carmo; OLIVEIRA, Renata Araújo Jatobá. Entrevista: Dialogando com Magda Soares sobre alfabetização, práticas pedagógicas e formação de rede. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 928-940, set./dez. 2018 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas\* Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2004. Jan /Fev /Mar /Abr 2004 N. 25.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização e Letramento: Caderno do Professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, Magda. Letramento: Um tema em três Gêneros. Ed. 3. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser Alfabetizado e Letrado. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação. 2006.